

As ASSIGNATURAS são de
2\$ por trimestre, 4\$ por
semestre e 8\$ por anno
para a Corte e Nictheroy.

O DOMINGO

As RECLAMAÇÕES podem
ser remettidas à rua do
Príncipe dos Cajeiros
n.º 164 sobrado.

Jornal litterario e recreativo

REDACTORA E PROPRIETARIA

D. Violante A. Ximense de Bivar e Vellasco

O DOMINGO

Rio, 8 de Março de 1874.

A educação moral

(Continuação)

Este habito, proficuo, só na juventude pôde conseguir-se, porque o homem moral está todo na primeira idade: portanto é nesta que todo o empenho é pouco para que os educandos o adquiram, e conheçam e avaliem toda a força e necessidade da moral.

Milhares de ocasiões se apresentam na vida familiar para desenvolver as disposições da infancia.

Com a idade, em que os primeiros estudos começam, enceta-se também a carreira dos deveres.

Em cada dia há uma tarefa que desempenhar, uma boa geração a cumprir.

Suscitado o sentimento geral dos deveres, em toda a parte acha applicações.

Um menino está em relações imediatas com seus pais, com seus companheiros, com seus preceptores: recebe benefícios d'uns, serviços d'outros, e é alvo das aféições de todos.

Fazem-lhe compreender quanto reconhecimento e ternura deve a todos, em consequência dessas relações; mas sobretudo mostrai-lhe com que actos ele deve revelar sua gratidão, e suas aféições, assim de que não se habitue a tomar-as como palavras vazias de sentido e aquelles actos como meras formalidades.

São curiosas de observar as primeiras relações dos meninos com seus camaradas; ahí se revelam com igual candura o seu bom coração, ou o seu egoísmo,

Ao princípio são reservados; mas em breve se entregam à maisa ffável familiaridade; desavem-se, disputam,

contendem depois por qualquer bagatella, à menor offensa do seu amor proprio; mas também não se demoram em perceberem que lhes é necessário transigir e fazer sacrifícios, porque precisam de paz, ou de tregua para seguirem os seus mutuos interesses.

Também a principio são pouco generosos, mas são sucesíveis de generosidade.

Naturalmente não se chegam de bom grado ao seu companheiro, que a fortuna ou a natureza infelicitou, que é pobre, ou disforme; mas quando dextramente encaminhados a sentimentos benignos, desenvolvem a compaixão, a sympathia e a generosidade.

O coração humano é um oceano de virtudes; e o coração de um menino é o coração humano com todas as suas riquezas nativas.

O menino não é por natureza modesto. É timido quando sua intelligencia ainda ignorante encontra em tudo dificuldades, mas não é humilde.

A humildade é uma virtude religiosa e social, que se desenvolve quando o homem entra na sociedade.

A escola é um verdadeiro remedio de amor proprio bem entendido que fallámos da boa escola; a má, além dos frutos detestáveis que produz, tem o inconveniente de não ensinar os meninos a se conhecerem, nem a se corrigirem.

A boa escola desenvolve os sentimentos de modestia de sociabilidade, de ternura, de gratidão, de benevolência que são excelsas virtudes.

A má escola exercita uma influencia inteiramente contraria.

As superioridades excitam a inveja, o ciúme, o odio; as distinções mal distribuídas desenvolvem ambição prematura em uns, e infundem damnosso descoroçamento em outros.

Uns aprendem a sacrificar tudo ao desejo de brilhar; habituam-se a pavonear-se com desmedido amor proprio; e seu unico cuidado é eclipsar ate os seus amigos; outros se afazem à preguiça, ao descontentamento, à malidicencia, à inveja e ao odio.

Isto é incontestavel.

Continua.

Accusando a recepcion dos n. 41, 54 e 55 do *Independente*, organ da muito ilustrada cidade de Campos, agradecemos ao intelligent collega as exprssões de que se serviu a nosso respeito no primeiro dos citatos numeros.

(Depois de transcrever os nossos trabalhos em outras épocas, o delicado collega termina assim o seu bem lançado artigo:)

« A' cerca da exímia litterata limitar-nos-hemos a transcrever aqui o que em correctos versos escreveu D. Beatriz Francisca de Assis Brandão, em uma dedicatoria que lhe dirigio; e limitando-nos a tão pouco temos dito muito:

« Na correcta versão nada perdemos
« As flores de eloqüencia, e da poesia;
« Antes novo perlimpe adquirimos
« Da tua deuta pena. Abi se encontro
« Mimosa descriptões, vivas imagens
« Vindem das paixões, erras, virtudes
« Com nuna extida reproduzidos. »

a Pensavamos que a distincta litterata Brazileira se havia retirado do mundo litterario, porque desde aquella publicação, ha quatorze annos, não tínhamos noticia d'outros escriptos seus; mas os grandes genios não se podem conter silenciosos.

« Eis que aparece a nova romeria do progresso a enriquecer o jornalismo com o seu bello e interessante periodico—O DOMINGO,—jornal litterario e recreativo, do qual transcrevemos o artigo que se segue.»

(Segue a transcrição do nosso artigo.—A instrucção popular.)

Outro organ da impronta bahiana—O *Ordem*, de 14 de Fevereiro preterito, tratando de nós diz tambem: « Da corte fomos mimoseado, pela Exma. Sr. D. Violante A. Ximenes de Bivar e Vellasco, com os numeros 9 e 10 do seu importante jornal litterario e recreativo, intitulado O Domingo.

« Folgamos em noticiar que no nosso paiz, como este, já são publicados diversos periodicos, manejados por delicadas penas de babeis senhoras, dos quais se deprehende o estudo de progresso em que vai trilhando as letras entre nós.

Agradecemos a Exma. Sra. D. Violante a delicada offerta, com a qual muito nos honrou; e acrecentamos-lhe mai—prosigua cosa fé na senda de sua empresa; porque segundo um escriptor nosso conterraneo—ter fé é marchar para o futuro—e elle se assoma prazericero para a nossa jovem patria.

Em recompensa de tão alta delidadeza enviamos-lhe em nossa humild *Ordem*.»

Lê-se no Municipio da cidade da Victoria, em Pernambuco, no seu n. 39 de 24 de Janeiro:

« Novo JORNAL.—Com o titulo de *Domingo* acaba de aparecer na capital do Imperio, mais um novo jornal que destina-se a pugnar pelos interesses da mulher, do qual é proprietaria a Exma. Sra. D. Violante A. Ximenes de Bivar e Vellasco.

Saudamos ao novo campeão, e desejamos que elle tenha a vida prolixa no escabroso caminho do jornalismo e que sempre veja diante de si esta estrada de flores por onde passara os jornalistas de criterio e de patriotismo.

A' ilustrada collega dirigimos nossas felicitacões, e em nome das illustres Victorieuses este brado de entusiasmo:—Avante e sempre!»

Lê-se no Municipio de Vassouras no seu n. 38 do 1º de Março:

« A Exma. Sra. D. Violante Atabalipa Ximenes de Bivar e Vellasco enviou-nos os primeiros numeros do seu jornal litterario e recreativo *O Domingo*. Saudamos a distincta escriptora, e desejamos um prospero futuro á sua interessante publicação.

LITTERATURA

O vaso de flores

(Continuação do n. 15)

As ruas se tinham ainda uma vez sublevado em montes como no mez de Julho de 1830, como no mez de Julho de 1832; mas desta vez as baricadas erão espiaias disfarcados com homens, que se reunião à noite áquelles que deviam morrer no outro dia.

Nessa noite de 13 para 14, domingo para segunda feira, ordinariamente tão risonha, silencio lugubre reinava, envolvendo as ruas de um sítio sepulcral que parecia que tornava mais negro a obscuridade dos tampeões espedaçados.

Um longínquo rumor de tambores, uma bulha surda de armas alguma cousa de sinistro como a marcha pesada de soldados injerrompa só o silencio nocturno, como o vento que agita os ciprestes perturba a tranquilidade de um cemiterio, infundiindo mais horror.

Depois de oito horas de soffrimentos horriveis, a Sra. G*** adormeceu.

Adolpho olhou para ella por longo tempo e estremeceu vendo as estragos que essa noite juncos aos soffrimentos anteriores produziram na doente dependendo de um vilagre a salvação de sua māi.

A thisica estava em ultimo grão; levantada a fouce para aniquilar, poder algum do mundo poderia desviar o golpe.

— O' minha querida māi! exclamou o joven artista cahind a seus pés, minha santa, meu anjo! fica, fica, não me deixes só, não me abandones!

E as lagrimas rebentaram de seus olhos, parecendo que Deus lhe fazia a mercé de morrer com ella. A doente disperton.

— Adolpho, disse ella, o medico ha-de vir, não é?

— Sim, minha māi, responden Adolpho, abafando os sens gemidos. Men Dens, dou a minha vida para que elle chegue! Mas então, não se pode mais passar por es-

ta rua ! disse o moço abrindo com força a porta da officina.

Esta peça contigua ao quarto da Sra. G** dava para a rua Beabourg. Adolphe abriu uma janella para ver se vinha alguém. Só viu barricadas e por traz d'ellas soldados com armas em punho, immoveis. Esteve ali por instantes amaldiçoando a guerra civil que lhe tinha feito perder seu pai, quando viu na entrada da rua de Michel-le-Conte um grupo de trez homens que os sentinelas não deixavam passar.

Era dous dos seus vizinhos que acompanhavam o medico.

Estes vendo-o chamaram por elle.

Transportado de prazer, reconhecendo-os, saiu da janella e vai dizer ás mulheres que choravão na escada que fossem buscar o medico e seus guias. Na sua precipitação bate n'um vaso de flores que estava no parapeito da janella ; o vaso caiu e quebra-se fazendo barulho. Adolphe não deu por isso.

— O medico ! eis aqui o medico ! grita elle cheio de esperança. Depressa, vão, já chegam.

As mulheres desceim, e elle dando louvores a Deus, vai sentar-se á cabeceira de sua māi.

— Coragem, minha māi ! disse elle, coragem, minha bôa māi ! ahí está o medico que vem salvar-a. Ouviu-se então uma descarga que despedaçou as janellas da casa ; e depois outra e outra, acumulados como os roncos de trovões ; gritos damnados respondem ; a porta da rua caiu em migalhas, demolida pelos revolucionarios, passos precipitados sobem a escada, gritando :

— Ao terceiro, ao terceiro andar ! Aproximão-se procurando a entrada...

(Continua)

PARTE RECREATIVA

Quinquilharias

As primeiras micas de seda feitas com agulha que apareceram em França, foram calcadas pelo rei Henrique II no dia do casamento de sua irmã com o duque de Saboya.

Só no seculo XV se aboliu um costume que havia na Escócia. Na noite das nupcias, quando a noiva estava já deitada, apagavam-se as luzes, e atirava o marido ao ar uma das menas ; aquella das raparigas presentes que a apanhava, achava n'isto um preságio de que em breve casaria.

Dois irmãos que tinham uma preta que as servia tinham o dicionario de Moraes, e tinham muita presumção, ambas elas, de fallarem bem a lingua materna; a cada minuto era entre as duas uma nova questão sobre se dizia dizer *intrepete* ou *intepete*, *tilegrápho* ou *tilegrafo* e outras questões graves d' igual força, que rematavam sempre pelo estreblho: O' preta trazia cá o dicionario de Moraes.

Um domingo que estavam para ouvir missa, uma d'ellas já despida, disse á outra cuja *toilet* e começada :

Avie-se, mana, que já deu onze horas. — O que deu foi onze e meia. — Foi onze. — Foi onze e meia. — Foi onze. — Não foi tal. — Foi tal. — O' meninas diz da cozinha a preta, querem que vá buscar o dicionario de Moraes ?

POESIA

Clotilde

Quando te vejo pensativa e pallida,
E os olhos quedos contemplando o céo,
Sinto minh'alma adorar-te ao longe,
Quizera ler o pensamento teu....

Oh ! tu tão sabes quanto soffro e sinto
Nas longas horas que de ti me auzentoo...
Si o vento gemê abalando as flores
Teu nome escuto murmurar o vento...

Quando no bosque desditoso rola,
Selta em arrulos amoroso endecha ;
Sinto que ongo dos teus labios castos,
Singelas notas de sentida queixa...

Quando no arroio se debruca o lyrio;
E as niveas pet'las se retratam n'agua.
Sinto que pendes tua virgem fronte
Ao ferreo peso de insana magua...

Mas, si no prado, enholando as flores,
Divaga louca, perfumeza aragem,
Penso, que a brisa são meus labios ternos,
E a flor mimosa, tua linda imagem...

Quando na praia, esporrente vaga
Brinca na praia, qual feliz creanca ;
Si a vaga vem, vem com ella a calma
Si ella foge, vai com ella a esprâanca.....

Assim, men anjo, não te occultes, deixa,
Que eu te contempl., como um id'lo meu !...
Deixa minh'alma te adorar de perto.....
Dá-me que eu seja o pensamento teu !...

LELLIS TEIXEIRA.

O Mendigo

(FOLHA SOLTA)

« Donnez ! Il vient un jour où la terre nous laisse
« Vos aumônes ! hant vous font une richesse.

VICTOR HUGO.

1

Quando vires o pobre, estender'ta mão
não fujas, não !
sobejam as penas ao pobre mendigo !
affagall'a vida, se negas-lh'o pão !..
qu'esmolla descalço, sem ter um abrigo...
ás vezes em vão !

Não fujas d'aquelle, qu'à pedir vem,
com desdem !
qu'a sorte varia, qual roda que gira !
nas faces lhe cospeim somente os atheos !
qu'a todos bem diz, sem odio, nem ira !...
pel'amor de Deus !

Evita o gatuno qu'as bolsas namóra
quando chora !
que vaga no mundo, sem eira nem beira,
d'andrajos coberto, fingindo manejo !
lamentos, que solta, são vil ratoeira,
despida de peijo !

II

Quando vires, o pobre estender'ta mão
não fujas, não !
sobejam as penas ao pobre mendigo !
affaga-lh'a vida, se negas-lh'o pão !..
qu'esmolla descalço, sem ter um abrigo...
ás vezes em vão !

Ao sol requeimado .. do dia ao nascer,
ei-o à s'ffrir !
amigos ?!.. se teve-os só resta tu um cão !
os outros.... se vexam de ver um dos seos
um obolo pedir, a fé do christão
pel'amor de Deus !

Vede-o sentado... os faces sem cor !
imagen da dor !
o pão qu'esmolla, seo pranto numedece !
à noite.. no leito, de negra cortina !
qu'os ares bafejam, a briza o aquece !
ou alva neblina !

A fronte, franzida, por larga pena
misera sem par !
do pó dessas runas, negreja já seja !
descrente da vida... os olhos nos céos...
somente elle pede.. qu'a fé lhe não fuga...
pelo amor de Deus !

Prazeres ?.. se teve-os.. só resta a licão
on trist' illusão !
nos labios, quem vio-lhe jamais o sorri ?
o tédio lh'o véda ?! talvez vao te mor...
á ningem falla... receia traíra..
sua immensa dor ?!

III

Quando vires o pobre, estender'ta mão
não fujas, não !
sobejam as penas ao pobre mendigo !
affagall'a vida, se negas-lh'o pão !..
qu'esmolla descalço, sem ter um abrigo...
ás vezes em vão !

Quem sabe s'a febre minou lh'essa alma ,
hoje calma /
quem sabe, se outrora, sorrio lh'a donzella
gentil, e formosa, no nobre sollar...
brilhante de luz, faisca ou estrella...
de noite a vagar !

Hoje elle vive, pensando na valla !
qu'a todos igualla !
d'ave agoireira, aguarda opiar !
tardio é o poizo !.. seo ultimo abrigo !
por todos finl'ra, a Deus sem cessar,
o pobre mendigo !

Rio Preto, Fevereiro de 1874.

Maria Leonilda Carneiro de Mendo nça

Epigramma

Ao tribunal da razão
Foi um dia um exquisito,
E disse : " Ando muito afflicto
Por campar de paspalhão,
Como sou tabe liao
Quizera de oculos usar."
" Pois usa sein se assustar,
Diz a Deus a tal casmurro ;
E' muito justo que um burro
De cangalhas possa andar."

(Ext.)

Charadas

Na muzica . . . 1
Na muzica . . . 1
Na muzica . . . 1
Eu fui, tu foste, elle foi.

De todos que me rodeiam,
A primeira sempre eu sou . . . 1
De agua é o meu todo . . . 1
Nas vogaes tambem estou . . . 1

CONCEITO

Sou vivente
Sou pequenino,
Qual o meu sexo ?
Será femenino ?

A decifração das charadas do numero antecedente é:
a 1º, Recreio e a 2º, Elysa.